



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

FRANCISCA JULIANA MARTINS RODRIGUES

**OS RICOS TAMBÉM MORREM:
ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO DA ORALIDADE NA LITERATURA MARGINAL**

BRASÍLIA
1º 2018

FRANCISCA JULIANA MARTINS RODRIGUES

OS RICOS TAMBÉM MORREM:

ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO DA ORALIDADE NA LITERATURA MARGINAL

Trabalho que tem como objetivo, integralização de curso e requisito para obtenção do diploma de bacharel em Letras-Tradução – Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a María del Mar Páramos Cebey

BRASÍLIA
1º 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

FRANCISCA JULIANA MARTINS RODRIGUES

**OS RICOS TAMBÉM MORREM:
ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO DA ORALIDADE NA LITERATURA MARGINAL**

Trabalho que tem como objetivo, integralização de curso e requisito para obtenção do diploma de bacharel em Letras-Tradução – Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Prof.^a Dr.^a María del Mar Páramos Cebey
(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora:_____

Prof.^a Dr.^a Lucie Josephe de Lannoy
(Membro – LET/UnB)

Banca Examinadora:_____

Prof.^a Me. Magali de Lourdes Pedro
(Membro - LET/UnB)

AGRADECIMENTOS

Àqueles que nunca deixaram de acreditar em mim, e àqueles que me foi dada a oportunidade de ter conhecido nesta vida. Só tenho a agradecer.

“Aos que não puderam ver mais o sol de cada dia, aos que nunca souberam o valor de uma vida, e até aos que sorriem pouco. Que eu escreva com responsabilidade em nome dessa verdade de hoje.” Ferréz

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma versão comentada (PT>ES) de um conto selecionado da obra *Os ricos também morrem*, escrito por Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz. Tem como objetivo a ideia de transmitir aspectos culturais das periferias através da oralidade e como esta é apresentada no idioma espanhol. O trabalho de versão, sobretudo na literatura, tem como foco abordar a tradutibilidade, dificuldades de expressão, bem como, ampliar a compreensão da obra sem alterar o sentido do conto. Considerando que a tradução da cultura marginal seja traduzível ou não, uma das intenções desse trabalho é manter uma aproximação do texto de partida. As decisões seguidas diante do texto de partida estão relacionadas às estratégias de tradução tomadas através de análises de alguns teóricos. Com o intuito de mostrar ao público da língua de chegada a literatura marginal, os elementos sintáticos e culturais da língua de partida que estabelecerão uma reflexão sobre a presença da oralidade e sua importância.

Palavras-chave: Literatura marginal; Oralidade; Estratégias; Versão; Ferréz

RESUMEN

Este trabajo consiste en una traducción inversa comentada (PT>ES) de un cuento seleccionado de la obra *Os ricos también morrem*, escrito por Reginaldo Ferreira da Silva, Ferréz. El objetivo es transmitir aspectos culturales de las periferias a través de la oralidad y cómo ésta se presenta en el idioma español. El trabajo de traducción inversa, sobre todo en la literatura, tiene como foco abordar la traducibilidad, dificultades de traducción, así como ampliar la comprensión de la obra sin alterar el sentido del cuento. Considerando que la traducción de la cultura marginal es traducible o no, una de las intenciones de este trabajo es mantener una aproximación al texto de partida. Las decisiones tomadas a respecto del texto de partida están relacionadas con las estrategias de traducción obtenidas a través de algunos análisis teóricos. Con el fin de llevar la literatura marginal a un público de la lengua de llegada, los elementos sintácticos y culturales de la lengua de partida establecerán una reflexión sobre la presencia de la oralidad y su importancia.

Palabras clave: Literatura marginal; Oralidad; Estrategias; Traducción inversa; Ferréz

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Obras publicadas	20
QUADRO 2: Estratégias de tradução segundo Chesterman	22
QUADRO 3: Estratégias de tradução segundo Baker	24
QUADRO 4: Estratégias de tradução segundo Newmark	24
QUADRO 5: Estratégias de tradução segundo Venuti	25
QUADRO 6: Quadro estratégico	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. OS CAMINHOS QUE LEVAM À TRADUÇAO LITERÁRIA	11
1.1 Brevíssima introdução sobre a literatura	11
1.1.1 Literatura marginal	12
1.1.2 Literatura marginal em <i>Os ricos também morrem</i>	14
1.1.3 Tradução da literatura marginal	15
1.2 A tradução da oralidade na literatura marginal	16
1.2.1 A oralidade em <i>Os ricos também morrem</i>	18
1.3 Ferréz: Biografia e Obra	19
1.4 Descrição do corpus	20
2 ESTRATÉGIAS PARA A TRADUÇÃO DA ORALIDADE MARGINAL	22
2.1 Estratégias de tradução	22
3 RELATÓRIO DO PROCESSO DE VERSÃO DE OS RICOS TAMBÉM MORREM	26
3.1 Quadro estratégico	26
3.2 Relatório do processo de versão	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
ANEXO: VERSÃO ESPELHADA COM COMENTÁRIOS	

INTRODUÇÃO

Diante da complexidade que é definir o que é literatura, diversos teóricos sempre estiveram à procura de explicações assertivas a cerca desse fenômeno que está presente em quase tudo que vemos e falamos. Na arte literária o que não nos falta são teorias, mas o que não se pode negar é o fato de que sempre houve uma necessidade de unir a realidade a um universo “paralelo”, onde a vida real transmuta em ficção. Ao longo dos séculos a literatura manifestou-se de diversas maneiras em diferentes momentos históricos, esses movimentos literários também são conhecidos como escolas literárias ou estilos de época e são divididas em eras, sendo estas: era colonial que surge com o quinhentismo e segue até o arcadismo e a era Nacional, desde o Romantismo a literatura brasileira contemporânea.

Dentro da literatura brasileira, vem ganhando destaque e reconhecimento internacional um estilo conhecido como literatura marginal. Um dos principais escritores deste estilo é Reginaldo Ferreira da Silva, também conhecido como Ferréz. Suas obras vão desde contos, romances, poesia e outros trabalhos que estão sempre valorizando as pessoas que vivem à margem da sociedade. A literatura marginal pode ser considerada como um estilo literário que surge à margem, assim como a denominada geração mimeógrafo, que surgiu em meados dos anos 70, que tinham propósitos parecidos com os escritores atuais. Por meio de livretos mimeografados e distribuídos¹, demonstravam suas insatisfações e a resistência contra o sistema, porém atualmente é considerado um fenômeno distinto da literatura marginal, dado o tempo e as mudanças que de fato ocorreram neste estilo.

Partindo de um interesse particular pela arte de rua, onde podemos encontrar desde artes visuais, música e projetos culturais, não seria diferente com a literatura, que transcorre sua essência em tudo que é falado, escrito e vivido pelos becos e vielas das periferias do Brasil. A partir de leituras de obras de Ferréz, em especial *Os ricos também morrem* surgiu um interesse maior em buscar saber mais sobre a literatura marginal, pois a cada história é possível identificar situações cotidianas, falas comuns, que agregam a um estudo linguístico muito importante para compreensão da formação da identidade das pessoas que vivem nessas comunidades e conscientização acerca de temas que muitas vezes passam despercebidos, mas que existem e precisam ser vistos e tratados como parte do todo, sem preconceitos ou exclusões.

¹BATISTA, Chardie. **Um Panorama da literatura marginal.** Disponível em: <http://www.rapnacional.com.br/um-panorama-da-literatura-marginal/>. Acesso em: 19 maio, 2018.

Esse trabalho tem como objetivo principal, a tradução do português ao espanhol de um conto selecionado da obra *Os ricos também morrem*, publicado no ano de 2015, cuja autoria é de Reginaldo Ferreira da Silva, ou Ferréz, como é conhecido no meio literário. A escolha do conto deu-se a partir da necessidade de buscar um aprofundamento sobre estudos da oralidade da literatura marginal. Como base apresentaremos estratégias de tradução que podem contribuir para estudos relativos a esta área de estudo e serão expostos fatores como manter o sentido do texto de partida, que é fundamental para compreendermos determinadas estratégias. A finalidade desde o início é trazer questões da oralidade quanto ao seu uso fora da norma culta padrão, sendo que por meio da linguagem utilizada surgirão reflexões significativas, quando esta é traduzida para outra língua e outra cultura.

A partir do escopo geral deste trabalho, podemos refletir sobre o processo de versão, comparando a versão com o texto fonte, sendo feitas revisões, até que se obtenha um resultado satisfatório. Um relatório relativo ao conto poderá nos mostrar com mais especificidade os problemas e soluções que foram encontrados.

O conto selecionado foi *A natureza de Nego Jaime*. Houve uma pesquisa por pressupostos teóricos que são os pilares deste trabalho, que contribuem para a compreensão do tema central que é a oralidade marginal, para a análise linguística e estratégias que facilitem o trabalho de tradução. Foram feitas duas versões para o espanhol, seguidas de comentários, onde são descritas as principais observações que ocorreram no processo tradutório.

O trabalho está dividido em três partes: **Os caminhos que levam à tradução literária**, que se trata dos pressupostos teóricos e descrição do corpus, tendo em vista a análise linguística de expressões identificadas como oralidade marginal, **Estratégias para a tradução com base na oralidade marginal**, ou seja, um levantamento de estratégias de tradução e um quadro/resumo com estratégias que foram utilizadas no estudo da obra, por fim, o **Relatório do processo de versão**, que nos traz uma visão geral sobre o processo tradutório da oralidade do conto selecionado.

1. CAMINHOS QUE LEVAM À TRADUÇÃO LITERÁRIA

1.1 Brevíssima introdução sobre a literatura

Há uma presença histórica da literatura durante todo desenvolvimento da humanidade, no decorrer de séculos essa relação com os indivíduos é que a torna fundamental na formação intelectual humana. A literatura oral foi precursora literária, porém para José Veríssimo (1916) pode ser considerada “apenas uma acepção particular, larga demais e abusiva desse vocábulo”, e complementa: “que se lhe possa descobrir, ou mesmo emprestar uma representação da sociedade ou da vida que o produziu. Mas só o fato de ser o ponto de partida de uma literatura lhe marca na história dela um lugar irrecusável” (VERÍSSIMO, 1916, p.17).

A literatura oral é considerada aspecto fundamental para a humanidade, pois é por meio da comunicação que surgiu a literatura, primeiro apresentada pela fala e imagens que representavam as narrativas, depois foram surgindo os primeiros escritos. A literatura brasileira tem um elo muito forte com a literatura portuguesa, ambas andam juntas. A literatura é dividida por suas características e momentos históricos, chamada escolas literárias, no Brasil são divididas em período colonial: quinhentismo, barroco e arcadismo e período nacional: romantismo, realismo, parnasianismo, naturalismo, simbolismo e modernismo¹. É composta por gêneros literários, entre os que destacamos: romance, drama (teatro), conto, crônica, ensaio, poesia e carta².

Apesar de haver diversas teorias, não é possível encontrarmos um conceito que defina o que é literatura. Para Antônio Cândido, literatura é:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180)

A relação, portanto, entre sociedade e literatura vem justamente de pensamentos que as une, pois é através desse “encontro” que podemos compreender a vida e a ficção, como dois mundos que se necessitam para existir. O conto da obra que analisaremos, *Os ricos também morrem*, de Ferréz, traz claramente essa reflexão, pois é por intermédio da literatura marginal que identificaremos narrativas de histórias cotidianas, denúncias de problemas

¹ Escolas Literárias. Disponível em: <http://mosqueteirasliterarias.comunidades.net/escolas-literarias-iii>. Acesso em: 26 maio, 2018

² Gêneros Literários. Disponível em: <https://www.minhavidaliteraria.com.br/generos-literarios/>. Acesso em: 26 maio, 2018

sociais, preconceitos, descaso político e etc. Podemos observar a importância do fator humanizador da literatura como uma forma de expansão da consciência, que nos permite ter novas ideias e uma visão mais ampla sobre formas distintas de enxergar o mundo. Podemos perceber que a literatura “dota o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana” (COMPAGNON, 2009, p.36).

A formação crítica através da leitura torna possível a ideia de uma sociedade mais justa intelectualmente, onde todos serão levados ao questionamento sobre diversos temas, inclusive, sobre direitos e deveres, e isso se dá por meio da literatura. Em um sistema onde todos estão a mercê de certo conformismo e censura quanto a liberdade de expressão é de extrema importância a valorização da arte literária, para que através disso as pessoas possam ver, sentir e adquirir conhecimentos de maneira que isso contribua para seu crescimento intelectual. Assim sendo, “pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade” (CANDIDO, 2004, p.186).

A literatura contemporânea reflete problemas da atualidade que provocam inquietudes e formam opiniões em meio a diversos públicos. O problema radica em quando essa literatura não pode ser acessada amplamente no ensino tradicional, devido, à formação crítica e à reflexão sobre temas que não são bem vistos diante do sistema. Nesse sentido, a literatura marginal não cabe dentro do ensino dito “padrão”, pois traz para discussão a exclusão social, violência, linguagem, e outros assuntos que a abordagem em sala de aula não é considerada como parte pedagógica.

1.1.1. Literatura marginal

Consideramos literatura marginal, toda literatura de protesto, onde a denúncia e a vontade de trazer à tona alguns assuntos que até então são vistos com complexidade, se tornando objeto de estudo e de leitura para diversos pesquisadores ou para o público em geral, tornando acessíveis, muitas histórias reais ou fictícias, onde são expostos os valores, crenças e costumes de pessoas comuns da periferia, trazendo novos olhares para as comunidades periféricas. É importante destacar a literatura marginalizada no século XX, autores com Charles Bukowski, Jack Kerouac, Allen Ginsberg a prosa de Henri Miller, dentre outros que trazem a ideia do personagem que vive à margem, buscando a liberdade de expressão e muitas

vezes, com certa agressividade, quando se trata de questões que transgridam a “moral” e os bons costumes.¹

A questão cultural sempre foi um dos principais fatores que influenciaram diversos autores ao longo de muitos anos. É considerado marginal todo escrito que não está dentro dos padrões de leitura e publicação; não há regras quanto à linguagem, e a vida real é a protagonista. A geração beat² tem uma grande importância quando se trata de contracultura. Trata-se de jovens escritores de meados dos anos 1950, que tinham o intuito de demonstrar a liberdade de expressão por meio de seus escritos de manifesto, experiências com drogas, sexualidade, desigualdades sociais e o sentido da existência, já traziam problemáticas corriqueiras e afrontamento quanto ao sistema.

Diferente da literatura marginal contemporânea, onde o cenário principal são os becos e vielas com uma variedade de histórias que identificam as periferias e seus personagens, a geração beat tinha a sua visão de mundo e narravam fatos da realidade dados à época, porém ambas pregam a questão da livre expressão em toda sua totalidade, respeito e igualdade, sendo fator revolucionário tanto na literatura quanto no jornalismo quando tratamos de censura. Atualmente a internet tem contribuído muito com essa questão da divulgação de obras consideradas marginalizadas. O acesso à informação beneficia autores e os leva ao reconhecimento com mais rapidez, cumprindo-se assim a ideia de mostrar a realidade do povo através das letras.

Dentro da literatura marginal, o hip-hop tem grande influência, desde seu surgimento nos subúrbios de Nova York, se espalhando por todo o mundo. Uma vertente como o rap também nasceu deste gênero, onde a linguagem não segue preceitos e leva à reflexão, por meio de rimas e escritos que contam a vida na periferia.

Em uma entrevista para a revista *Caros amigos*, Pimentel afirma que o rap ganha prestígio porque tem uma poesia mais elaborada. E acrescenta: “Como para fazer uma boa letra é preciso estudar história, compreender a situação, a realidade e, mais importante, inventar maneiras de expressar tudo isso com as palavras, o processo de educação não acontece mais como uma obrigação vazia, passa a ter sentido”. (PIMENTEL, 1998, p.15)

O uso de uma linguagem própria ou mesmo coloquial pode ser considerada uma das principais características que identificam tanto este movimento literário quanto suas

¹ESTEVES, Lainister. **Literatura marginal americana: do épico confessional ao niilismo erótico.** Disponível em: http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_9_LainisterEsteves.pdf. Acesso em: 5 maio de 2018.

²SANTANA, Thais. **O que foi a geração beat?** Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-foi-a-geracao-beat/> Acesso em: 5 maio de 2018

influências, pois é através disso que podemos compreender suas origens desde as comunidades afro-americanas, imigrantes, pessoas que se afugentaram em periferias e os demais que sofriam e sofrem com a violência, desigualdades, conflitos entre gangues, descaso político e todos esses problemas que são descritos em obras e letras de músicas, formando assim a cultura da margem ou a cultura da resistência.

1.1.2. Literatura marginal em *Os ricos também morrem*

A literatura marginal no Brasil surgiu a por volta de 1970. Esta seguia os parâmetros de uma marginalidade de acordo com aquela época, diferente da atualidade, pois naquele momento o país passava por uma forte repressão militar e censura, porém o problema central é similar, ambas contestam a liberdade de expressão e lutam pela explicitação da verdade e para dar voz aos oprimidos. A denúncia é o fator principal que consegue que escritores, mesmo em diferentes épocas, transmitam informação através de uma linguagem mais popular.

Marginal, termo que em seu sentido literal significa estar à margem, quando empregado juntamente com o termo literatura, são-lhe atribuídos diversos significados. A literatura marginal não segue uma estética literária, tem sua origem em espaços periféricos e apresenta como cenário as grandes periferias brasileiras. São classificadas como obras literárias que estão à margem do mundo editorial, pois não seguem os cânones estabelecidos pelas grandes editoras. São obras consideradas marginalizadas, não só pelo teor do conteúdo, mas pelo fato de que os autores são pessoas que vivem ou viveram à margem de um conjunto de regras impostas pelo sistema, ou mesmo aqueles que são considerados excluídos socialmente ou intelectualmente, vivendo em suas comunidades sempre em busca de alguma visibilidade por parte de quem, muitas vezes, não os enxergam. Em outras palavras, podemos considerar esta literatura como a voz do povo. Neste sentido, Vaz (2013), afirma:

Gosto do termo literatura periférica porque diz de onde viemos. Antigamente falavam pela gente. Hoje, falamos por nós mesmos [...] Essa é a literatura dos pobres e oprimidos, o povo se assanhando a contar sua própria história. Não é uma literatura melhor que a acadêmica – muito pelo contrário. Mas é carregada de emoção e verdade. (VAZ, 2013, p. n. p)

Esse movimento que nasce de mentes inquietas e rebeldes é uma literatura que busca transmitir “certa realidade de espaços e sujeitos marginais” (NASCIMENTO, 2009, p. 45). Sendo assim considerados os sentimentos mais ínfimos de um povo que precisa mostrar seu

valor através da sua cultura e suas vivências. No Brasil, temos diversos autores que seguem este “estilo”, por exemplo: Sérgio Vaz, Binho Padial, Allan de Rosa, Ferréz, dentre outros considerados referência dentro da literatura contemporânea.

[...] apesar de utilizarem de expressões artísticas diferentes, os hip hoppers e os escritores da periferia usufruem repertórios culturais e sociais comuns que indicam muitas proximidades entre eles: valem-se dos mesmos termos (como “mano”, “preto”, “favela” e “gueto”), defendem movimentos que reivindicam a “representação” da periferia no plano cultural, exercem profissões que se colocam como alternativas às profissões operacionais e que trazem status social, questionam os valores socioculturais e os estilos de vida dos mais ricos, e combatem os mesmos inimigos –“o sistema” e “a elite”. Como um fenômeno recente, é possível dizer também que, em certa medida, o movimento de literatura marginal dos escritores da periferia atualiza as elaborações, os discursos e os projetos do hip-hop. (NASCIMENTO, 2009, p. 160).

A Literatura marginal ou literatura combativa, gênero assim defendido através do seu conteúdo, traz a realidade das periferias do Brasil, com histórias de um cotidiano muitas vezes violento e difícil de sobreviver. É importante trazer essa visão da sociedade que é colocada à margem. As obras de Ferréz trazem essa visibilidade, pois a periferia sempre foi parte esquecida, é tratada com preconceito e desvalorizada, não só pela camada política brasileira, mas também ante os olhos daqueles que tem mais oportunidades e voz.

1.1.3 Tradução da literatura marginal

Traduzir literatura sempre foi uma das tarefas mais complexas dentro da tradução, devido a essa necessidade de compreensão da obra antes de tudo, onde há vários aspectos a serem considerados como as questões de cultura, variações linguísticas, contexto, alteridade, ambiguidade, ou mesmo na busca de definições para o que é tradução literária, Berman afirma:

A tradução deve oferecer um texto que o autor estrangeiro teria escrito se tivesse escrito na língua da tradução. Ou ainda: a obra deve causar a mesma impressão no leitor de chegada que no leitor de origem. Se o autor utilizou de palavras muito simples, o tradutor deve também recorrer a palavras muito comuns, para produzir o mesmo efeito no leitor. (BERMAN, 2007, p. 33-34)

Diante da alteridade, fator recorrente dentro da tradução literária, observamos que há uma diferença entre apenas transmitir o conteúdo ou detalhes que levam o leitor a compreender a cultura e a riqueza da obra original, a tradução literal ou palavra por palavra,

não é recomendável quando tratamos de literatura, pois pode alterar o sentido e acabar empobrecendo a obra. Quando falamos de linguagem coloquial é importante que haja uma busca de equivalentes na língua de chegada para que não se perca o valor das palavras para determinada sociedade, por exemplo, as gírias. Berman argumenta:

Procurar equivalentes, não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a estranheza do provérbio original. (BERMAN, 2007, p. 17)

A liberdade de criar dentro dos caminhos literários, nos remete a essa mesma liberdade quanto à tradução, porém nem sempre será possível, pois algumas palavras podem levar a ambiguidade quando traduzidas, havendo outro significado para o leitor da língua de chegada, causando estranheza, desvalorizando totalmente o texto fonte, em todo caso é preciso coerência ao escolher equivalentes ou sinônimos ou ainda buscar a palavra mais próxima possível caso esta não exista no outro idioma.

1.2 A tradução da oralidade na literatura marginal

A oralidade marginal em suma, refere-se a uma grafia modificada, muito próxima da linguagem real dos personagens de determinada obra. São empregados vocábulos que dão outro sentido às palavras quanto ao uso e maneira de falar das pessoas que moram na periferia, isto é o que vai definir as questões das marcas de oralidade presentes no texto. Podemos pensar também, na questão literária falada, que antes mesmo de surgir a literatura escrita, já existia por meio da oralidade, um exemplo foram os poemas homéricos e em contrapartida temos o hip-hop e o rap que são falados e muitas vezes improvisados. Portanto podemos pensar na oralidade como parte fundamental da literatura, pois sempre caminharam juntas.

Tratando-se da “marginalidade” da oralidade, temos que ter em mente diversos fatores, como: contexto cultural, social, político, periferia, educação, dentre outros. Para que possamos compreender o sentido de determinados vocábulos, é necessário que haja antes de tudo conhecimento do que estamos tratando, a comunidade ou as pessoas que vivem a margem da sociedade. É necessário que haja um entendimento sobre a linguagem própria de

determinado local, pois há o uso excessivo de gírias e palavrões, neologismos, uso inadequado de expressões e outras características que determinam a oralidade.

Um dos principais influenciadores da literatura marginal, o hip-hop, é um exemplo da arte de preservar a linguagem falada sem apoio textual. Para isso Walter Ong nos diz:

A despeito dos mundos maravilhosos que a escrita abre, a palavra falada ainda subsiste e vive. Todos os textos escritos devem, de algum modo, estar direta ou indiretamente relacionados ao mundo sonoro, habitat natural da linguagem, para comunicar seus significados. “Ler” um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou na imaginação, sílaba por sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia. (ONG, 1988, p. 16)

A transformação da voz em texto ou vice e versa nos traz essa ideia de comunicar-se em seu sentido mais completo, isto seria a oralidade, essa comunicação natural, que nos cerca e aprendemos por meio de vivencias com outras pessoas dentro da sociedade. As expressões são fator determinante da oralidade marginal, pois podemos encontrar várias maneiras de falar uma mesma palavra através das marcas de oralidade, um exemplo é a palavra “véi”, muito utilizada nas periferias do Distrito Federal e até mesmo por quem não mora em regiões periféricas ou entorno, é uma gíria que designa diversos significados, mas que identificamos prontamente como uma palavra que surge às margens da sociedade, ou por aqueles que por convivência incorporam em sua linguagem.

Através de manifestações como a música, o rap, por exemplo, utiliza de gírias e palavrões livremente como forma de expressão, arte e identidade. Mesmo sem a escrita o Rap pode transmitir espontaneamente aquilo que deseja, sem que haja um estudo antecipado sobre linguagem, as palavras surgem e são declamadas com sentido e sentimento, percebemos então a importância da oralidade tanto na linguagem escrita quanto na falada. Em todo caso a fala que nasce antes de tudo no mundo das ideias pode ser considerada uma ação e a escrita uma reação ao que e foi refletido antes mesmo de ser escrito, Ong afirma que “a linguagem é um modo de ação e não simplesmente uma confirmação do pensamento” (ONG, 1988, p. 42)

É importante ressaltar a questão da identidade, na oralidade marginal, o uso de certos vocábulos não só identificam um gênero, mas definem a identidade daqueles que a utilizam, por trás destas palavras tem a história de pessoas, tem a maneira como elas vivem, retrata a realidade da vida delas, problemas do cotidiano, e, sobretudo, informa e transmite ideias de maneira que a comunidade compreenda, ou seja, com termos que estejam ali no dia-a-dia de cada um.

1.2.1A oralidade em *Os ricos também morrem*

A obra *Os ricos também morrem* é repleta de oralidade, o autor que é narrador onisciente faz uso constante da linguagem falada nas periferias, principalmente do Capão Redondo - São Paulo, local onde ele mora. Ferréz traz nesta obra o uso de muitas gírias, palavrões e palavras derivadas de sotaques regionais. O que nos remete a essa ideia de que o autor quer nos mostrar que em uma comunidade há pessoas de todos os lugares, convivendo e contribuindo para a formação de outra comunidade. Um exemplo são os conjuntos habitacionais – COHAB¹ que ele cita no conto *A natureza de nego Jaime*, em um COHAB existem diversas pessoas provindas de vários lugares e ali se passam histórias de uma vida até então comum, mas que no decorrer da narrativa podemos identificar marcas da oralidade, cultura e outras características da periferia. Segundo Baker:

Uma palavra do idioma de partida pode expressar um conceito que é totalmente desconhecido na cultura de chegada. O conceito em questão pode ser abstrato ou concreto; podendo estar relacionado a uma crença religiosa, costume social, ou um tipo de alimento. Ou seja, tais aspectos são referidos como “específicos da cultura”². (BAKER, 1992, p.21, tradução nossa).

Levando-se em consideração aspectos culturais e de identidade, a linguagem utilizada em determinado local, pode ter um sentido totalmente diferente na língua de chegada, são especificidades que gerariam estranhamento e consequentemente poderia ser considerada uma tradução ruim. No caso desta obra, um conhecimento prévio sobre a linguagem e cultura de partida é de suma importância quando se trata de termos muito específicos, para que sejam usados termos que se aproximem com aqueles utilizados na tradução.

No conto narrativo *A natureza de Nego Jaime*, a oralidade marginal está muito presente, é possível identificar com clareza a linguagem coloquial utilizada na comunidade onde o personagem vive. Os usos linguísticos empregados pelo narrador contribuem para uma melhor identificação de marcas que caracterizam informações acerca dos personagens.

Por meio da oralidade e o uso despreocupado de regras gramaticais, podemos reconhecer aspectos de culturas distintas, mas dentro de uma mesma sociedade, onde a

¹ COHAB - Companhias de habitação popular no Brasil.

² Texto fonte: The source language word may express a concept which is totally unknown in the target culture. The concept in question may be abstract or concrete; it may relate to a religious belief, a social custom, or even a type of food. Such aspects are often referred to as “culture-specific. (BAKER, 1992, p.21)

distância entre uma norma culta padrão para uma linguagem totalmente informal é meramente por questões sociais, por desprovimento de estudos ou até mesmo pelas dificuldades impostas por tantas diferenças entre o morro e um prédio de luxo que estão lado a lado. Paz afirma que:

En el interior de cada civilización renacen las diferencias: las lenguas que nos sirven para comunicarnos también nos encierran en una malla invisible de sonidos y significados, de modo que las naciones son prisioneras de las lenguas que hablan. Dentro de cada lengua se reproducen las divisiones: épocas históricas, clases sociales, generaciones. En cuanto a las relaciones entre individuos aislados y que pertenecen a la misma comunidad: cada uno es un emparedado vivo en su propio yo. (PAZ, 1981, p.9)

Compreendemos que dentro de uma mesma civilização há diferenças linguísticas que distanciam as pessoas, diferenças estas que estão diretamente relacionadas à comunicação, pois ao mesmo tempo em que um idioma une uma nação, este também pode separar. Sobretudo é necessário considerar os fatores sociais, e essa divisão de mundos através do idioma, acarreta em certo isolamento, onde um mundo não interfere no outro de maneira direta. É o que acontece na oralidade marginal, em determinada comunidade já existem as suas próprias regras, e isso inclui a linguagem, com as suas formas de tratamento e o uso de gírias e palavrões.

1.3. Ferréz: Biografia e Obra

Reginaldo Ferreira da Silva, ou Ferréz, nascido em 1975 na cidade de São Paulo, vive no bairro Capão Redondo, distrito situado na zona sul de São Paulo, Ferréz é considerado um dos principais escritores da literatura marginal, tendo como sua comunidade a fonte inspiradora dos seus escritos. Foi bastante aclamado com o seu livro *Capão Pecado*, o que o levou a colaborar em diversos debates. Também são de sua autoria livros como *Manual prático do ódio*, *Amanhecer Esmeralda*, *Deus foi almoçar* e outros. Suas obras têm tradução para diversas línguas, o que o tornou bastante reconhecido, pois seu trabalho traz a realidade em palavras, com histórias que muitas vezes passam sem alarde diante do mundo, com a simplicidade e a coragem do povo da periferia, tão bem retratado em sua obra.

Os ricos também morrem é uma coletânea composta por breves histórias que foram transformadas em contos. Com uma linguagem muito parecida com o *rap*, o autor nos fala sobre a realidade de vários personagens que mostram o quão suas vidas são cheias de

injustiças e desesperanças. Podemos perceber, também, nessa obra, uma espécie de diálogo do autor com o público, pois ele se mantém próximo de certa forma. É fácil perceber que se trata da vida vista através dos olhos dele, narrações de situações cotidianas por meio de apresentações, onde ele conta essas histórias que acabaram se tornando contos. Já no prefácio podemos perceber a ideia que o autor transmite no decorrer de toda obra, ou seja: “mostrar a verdade do ser em vez do ter. Trazer o amor à família, o valor da periferia, a nossa autoestima, a importância cultural que temos” (FERRÉZ, 2015, p. 14)

A seguir apresentamos um quadro onde constam obras do autor e respectiva cronologia em que foram publicadas.

Obras Publicadas	Gênero	Ano	Editora
<i>Fortaleza da desilusão</i>	Poesia	1997	Publicação Independente
<i>Capão pecado</i>	Romance	2000	Planeta
<i>Manual prático do ódio</i>	Romance	2003	Planeta
<i>Amanhecer esmeralda</i>	Infanto-juvenil	2005	DSOP
<i>Ninguém é inocente em São Paulo</i>	Contos/Crônicas	2006	Objetiva
<i>Os inimigos não mandam flores: Uma história da periferia em quadrinhos</i>	História em quadrinhos	2006	Pixel Media
<i>Cronista de um tempo ruim</i>	Crônicas	2009	Literatura Marginal
<i>Deus foi almoçar</i>	Romance	2011	Planeta
<i>O pote mágico</i>	Infantil	2012	Planeta
<i>Os ricos também morrem</i>	Contos	2015	Planeta

QUADRO1: Obras publicadas Fonte: Elaborado pela autora

1.4 Descrição do *corpus*

A descrição do *corpus* enquadra-se no “estilo” Literatura marginal, que conta com uma coletânea de quarenta contos do autor brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva, a obra intitulada *Os ricos também morrem*, foi publicada em 2015, sob os direitos reservados a editora Planeta, sendo que foi escolhido um conto que servirá como intento para reflexões dentro dos estudos da tradução. O estilo de Ferréz (pseudônimo) circula por temas bem variados, com narrativas caracterizadas por crimes, cotidiano, uso de paradoxos, descrições de casos que acontecem nas vidas dos personagens, porém todos se passam na periferia, e através do olhar do escritor podemos perceber o quanto para ele é importante manter as origens, sobretudo na maneira como é a fala e escrita da obra.

O conto selecionado se trata da narrativa: *A natureza de Nego Jaime*, é um enredo que conta sobre a vida de um homem simples com manias estranhas que vivia sua rotina tranquilamente no bairro em que morava, que certa vez teve a ideia de transformar um morro de lixo em uma floresta, o que aconteceu de fato, mas ninguém acreditava muito nele, tal lugar que ele chamava de “meu sítio” acabou se tornando um lugar abandonado, Nego Jaime acabou ficando depressivo e deu fim a própria vida. Nego Jaime é o personagem principal.

É importante ressaltar que se trata de um trabalho cujo estudo gira em torno do contexto em que se origina a obra, pois interfere diretamente no contraste entre a linguagem usada pelo autor, a norma culta padrão e a linguagem usada nas falas dos personagens, se destacando pela oralidade que se caracteriza através de circunstâncias sociais e econômicas. A análise do *corpus* consiste na pesquisa que contribuiu para o processo de versão do conto, onde problemas e soluções serão expostos através de exemplos e identificados em um quadro, constando as estratégias utilizadas nas traduções exitosas e menos exitosas.

Podemos perceber que o narrador onisciente se preocupa em mostrar ou até mesmo denunciar de certa forma as condições de vida dos personagens, sendo como parte da realidade de parcela da população que constitui as periferias brasileiras. As diversas críticas feitas à literatura marginal encontradas, principalmente, em sites, como por exemplo, os artigos, deixa claro o que foi transmitido por autores deste “estilo”. Geralmente há um sentimento de protesto onde podemos perceber essa necessidade de levar ao leitor essa visão da verdade nua e crua, como se de certa forma isso trouxesse à tona os problemas socioeconômicos, a glória ou o sofrimento sem omitir fatos reais da vida daqueles que estão à margem, porém nem sempre com lamentos, mas de forma que o leitor também possa se ver em certas situações de realidade cruel, retratadas de uma maneira que a mídia não mostra ou quase não se fala.

A construção do corpus tem como base, além da obra, artigos, livros de estudiosos de grande importância nos estudos teóricos da tradução, dicionários online que contém definições significativas para os termos considerados relevantes para esta pesquisa, sobretudo o site <http://www.capao.com.br/dialeto.asp> que contém diversos dialetos usados no dia a dia dos moradores do Capão Redondo, bem como conteúdo sobre temas que envolvem os moradores ou histórias que retratam as ruas, fundamental para o que se segue adiante.

CAPÍTULO 2. ESTRATÉGIAS PARA A TRADUÇÃO DA ORALIDADE MARGINAL

2.1 Estratégias de tradução na literatura marginal

Neste capítulo serão apresentadas estratégias de tradução que servirão como material de apoio ao longo do processo de versão, como gírias e palavrões. É importante considerar que, de fato, as estratégias não serão apresentadas de forma abrangente, pois existem várias outras, mas em coerência com este trabalho foram utilizadas somente estas que se apresentam no resumo a seguir que foi elaborado com o intuito de servir como facilitador na identificação das estratégias de tradução, onde temos o autor e as estratégias utilizadas. Chesterman, Baker e Venuti, foram os teóricos escolhidos para a análise das estratégias utilizadas na tradução

Chesterman (1997), em seu livro *Memes of Translation Theory*, determina as estratégias de tradução em três grupos: Sintáticas, Pragmáticas e Semânticas. Tal taxonomia apresentada pelo autor serviu como parte do processo de análise da versão do português ao espanhol do conto selecionado para este trabalho, podendo também ser considerada como um apoio aos tradutores quando precisam tomar decisões quanto às traduções.

A seguir, apresentamos um quadro onde estão discriminadas as estratégias gramaticais apresentadas por Chesterman (1997), sendo divididos em subtipos que facilitam a compreensão na hora da tomada de decisões.

Estratégias de Chesterman	Subtipos
Estratégias sintáticas	Empréstimo
	Tradução Literal
	Transposição
	Mudança de tipo e organização de unidade
	Mudança de estrutura sintagmática
	Mudança de estrutura oracional
	Mudança de estrutura frásica
	Mudança de elos coesivos
	Mudança de nível
	Alteração de padrões de repetição e rítmico

Estratégias Pragmáticas	Filtragem cultural
	Mudança de grau de explicitação/implicitação
	Informação
	Interpessoal
	Locutória
	Coerência
	Visibilidade de autoria
	Transedição
	Tradução parcial
	Outras mudanças
Estratégias Semânticas	Sinonímia
	Antonímia
	Hiponímia/hiperonímia
	Conversão da posição relativa entre elementos
	Mudança de grau de abstração
	Mudança de ênfase
	Paráfrase
	Mudança de tropo
	Mudança de distribuição de elementos
	Outras mudanças semânticas

QUADRO2: Estratégias de tradução segundo Chesterman. Fonte: Elaborado pela autora

A taxonomia de Mona Baker (1992), determinada por oito estratégias seguidas de suas características, muito importantes no auxílio às traduções, sobretudo profissionalmente. Sendo estas:

Estratégias de Mona Baker	Características
Empréstimo e/ou empréstimo explicativo	Quando determinado termo é específico da cultura de partida e seu uso é mantido, sendo explicada somente na primeira vez que é usada.
Ilustração	Quando não há equivalentes na língua de chegada e refere-se a algo

	que pode ser ilustrado.
Omissão	Quando não há equivalentes na LC e não interfere na compreensão do texto pode-se omitir, evitando assim confusão com explicações que podem prejudicar a fluidez.
Palavra Geral	Quando não há equivalentes na língua de chegada.
Palavra neutra/menos expressiva	Uso de palavra neutra para que não haja estranhamento.
Paráfrase (palavras relacionadas)	Quando há a palavra da língua de partida na língua de chegada, mas está de forma diferente.
Paráfrase (palavras não relacionadas)	Neste caso, não há a palavra no léxico da língua de chegada. No entanto pode-se alterar uma palavra geral ou explicar o significado de determinada expressão.
Substituição cultural	Substituição de expressão ou palavra específica da cultura e língua de partida para outra da língua de chegada.

QUADRO3: Estratégias de tradução segundo Baker. Fonte: Elaborado pela autora

Também foram considerados, métodos estratégicos de Newmark (1988), considerados indispensáveis, tendo em vista o teor do conteúdo deste trabalho, portanto, temos:

Estratégias Newmark	Características
Adaptação	A adaptação é muito utilizada na poesia, teatro, literatura em geral. Há certa liberdade de adequar as leituras ao público alvo, porém mantendo o sentido.
Tradução palavra por palavra	O contexto não é levado em consideração e as palavras são traduzidas uma a uma, com seus significados de forma geral.
Tradução literal	As palavras são convertidas de forma individual para equivalentes próximos sem levar em conta o contexto.
Tradução fiel	Leva em consideração o contexto e o significado e tenta reproduzir o texto na língua de chegada a estrutura gramatical com fidelidade,

	dentro do possível.
Tradução Semântica	Leva-se em conta o valor estilístico.
Tradução Livre	Não é totalmente fiel ao conteúdo, é literalmente livre nas escolhas dentro do texto.
Tradução Idiomática	As expressões idiomáticas ou a linguagem coloquial são transmitidas, mas destorcidas quando chegam à língua de chegada por não existirem na língua de partida.
Tradução comunicativa	O contexto, conteúdo e linguagem utilizados estão em conformidade de modo que facilitam a compreensão do leitor.

QUADRO4: Estratégias de tradução segundo Newmark. Fonte: Elaborado pela autora

Lawrence Venuti (1995) nos propõe dois conceitos que também influenciam no posicionamento do tradutor quanto à tradução, são estas:

Estratégias Venuti	Características
Estrangeirização	Pondera à alteridade cultural, fazendo com que a cultura de chegada tenha acesso a cultura de partida, mesmo mantendo o estranhamento do texto, deixando transparecer que se trata de um texto estrangeiro.
Domesticação	Trata-se de uma adaptação à cultura de chegada, onde há uma redução etnocêntrica que não transparece a voz da cultura de partida.

QUADRO5: Estratégias de tradução segundo Venuti. Fonte: Elaborado pela autora

Os quadros com estratégias dos teóricos Chesterman, Mona Becker, Newmark e Venuti, teóricos que foram o suficiente para categorizar as estratégias utilizadas neste trabalho, são fundamentais no auxílio ao tradutor à hora de decidir quais são as melhores opções de tradução. A partir disso foi elaborado um novo quadro onde estão determinadas as estratégias de acordo com o seu uso na oralidade marginal em *Os ricos também morrem*, que será apresentado no capítulo seguinte junto ao relatório do processo de versão.

3 RELATÓRIO DO PROCESSO DE VERSÃO DE OS RICOS TAMBÉM MORREM

3.1. QUADRO ESTRATÉGICO

O Quadro-Estratégico está dividido em: Autor como referência, Método ou vertente e Identificação na obra, que corresponde ao trecho onde foram encontradas dificuldades à hora de traduzir.

Autor como referência	Método	Identificação em <i>Os ricos também morrem</i>
Venuti/Mona Baker	Estrangeirização/ Empréstimo explicativo	NÊGO/NEGO
Venuti	Domesticação/	Botava fé/Creía
Newmark/Venuti	Tradução idiomática/domesticação	Tipo o cara não tem palavra/ al tipo nadie le da pelota en la barriada
Mona Baker	Omissão	Era mais uma coisa assim
Venuti	Estrangeirização	Pernambucos, Cearás, Bahias
Venuti	Estrangeirização	Cohab
Venuti	Domesticação	Fazia bico/trabajillo
Venuti/Newmark	Domesticação/Tradução idiomática	Outros quinhentos/ harina de otro costal
Venuti/Chesterman/Mona Baker	Estrangeirização/visibilidade de autoria/empréstimo	Negão
Newmark	Adaptação	Meu sítio/mi jardín
Mona Baker	Substituição cultural	Maconheiro/marihuanero
Venuti/Newmark	Domesticação/adaptação	Catar mulher/picadero
Venuti	Estrangeirização	Campinas, Juquitiba, Itapecerica
Mona Baker/Newmark	Substituição cultural/adaptação	Vagabundagem/chorradas

Newmark/Mona Baker	Tradução idiomática/Substituição cultural	Dar um rolê/dar uma vuelta
--------------------	---	----------------------------

QUADRO 6 Quadro estratégico Fonte: elaborado pela autora

3.2. RELATÓRIO DO PROCESSO DE VERSÃO

Podemos constatar que dentro de uma tradução existem diversas estratégias possíveis de utilização. Considerando a oralidade no conto *A natureza de Nego Jaime* e a complexidade em manter a cultura e linguagem coloquial apresentada, foi necessário abstrair em alguns momentos, características linguísticas do texto, no intuito de facilitar a compreensão na língua de chegada. De maneira geral, as principais dificuldades nas obras de Ferréz estão no frequente uso de coloquialidades e o uso de expressões, como podemos observar a seguir:

Português	Espanhol
ninguém botava muita fé no que falava	nadie creía mucho en lo que él decía
tipo o não tem palavra na quebrada cara	al tipo nadie le da pelota en la barriada
nóis é tudo da quebrada	somos gente de favela
levam as crianças pra dar um rolê	llevan a los niños a dar una vuelta

Os termos em destaque podem ser considerados específicos da oralidade coloquial, a partir das estratégias de tradução encontramos possíveis soluções para esses termos que não tem equivalente na língua de chegada. Destacamos a frase “tipo o cara não tem palavra na quebrada”, que foi traduzido para uma expressão idiomática espanhola “al tipo nadie le da pelota en la barriada”, que apesar de alterar a frase, com a domesticação para uma expressão espanhola, foi possível manter o sentido do texto.

A estrangeirização de Venuti, deixa explícito que se trata de uma tradução que valoriza a oralidade da língua de partida, mantendo o estranhamento na língua de chegada, porém necessário para que haja visibilidade da cultura de partida. São exemplos, os nomes próprios de cidades brasileiras: “Campinas, Juquitiba, Itapecerica” e o apelido do personagem principal “NÊGO/NEGO” que foi mantido por questão de preservar a identidade do personagem e por se tratar de uso fundamental na identificação do mesmo no decorrer do conto.

A pesar de haver oposição entre a domesticação e estrangeirização de Venuti, optamos por utilizar das duas dicotomias. Diante das inúmeras tomadas de decisões do tradutor, consideramos que não há a possibilidade de ser totalmente domesticador ou estrangeirizador. Ao traduzir *Os ricos também morrem*, podemos identificar as duas vertentes e vemos que é possível combinar as duas sem que ocorram perdas textuais e mantendo uma leitura aceitável na cultura de chegada. São exemplos de domesticação:

Português	Espanhol
Outros quinhentos	Harina de otro costal
Fazia bico	Trabajillo
Catar mulher (ação)	Picadero (a mata)

É importante destacar a adaptação de alguns termos, em que a liberdade de adequação na literatura colabora com a fluidez do texto. A expressão “catar mulher” que equivale a encontros eróticos, foi adaptado para “picadero”, que é o local dos encontros, neste caso a mata, portanto, foi necessário buscar um termo na cultura de chegada para que pudéssemos substituir de forma que resultasse em uma tradução coerente. Outro caso é a expressão “mi jardín” foi encontrada uma solução poética para o sítio de *Nego Jaime*, que mantém o significado do espaço com tais características.

A substituição cultural de acordo com Mona Baker (1992), se trata de substituir uma expressão ou palavra específica da cultura e língua de partida para outra da língua de chegada, foram considerados termos específicos algumas gírias que não têm equivalentes na língua de chegada, mas que tem termos que correspondem ao significado, mantendo-se coeso ao texto de partida, sendo assim:

Português	Espanhol
Maconheiro	Drogadicto; Marihuanero
Vagabundagem	chorradas
Dar um rolê	dar una vuelta

Há uma infinidade de estratégias e estas podem ser utilizadas em uma mesma obra sem que uma anule a outra, o mesmo é quando há mais de uma ocorrência estratégica em um único termo. O termo “Negão”, aumentativo do apelido do personagem *Nego Jaime*, é um

exemplo de que há vários meios de combinar estratégias para se chegar a uma solução possível na hora da tradução, sendo elas: Estrangeirização (Venuti); visibilidade de autoria (Chesterman) e empréstimo (Mona Baker), métodos adotados por diferentes teóricos, mas que propiciam resultado similar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por realizar uma versão do conto *Os ricos também morrem*, de Reginaldo Ferreira da Silva, ou Ferréz, deu-se primeiramente pelo interesse da temática da literatura marginal, que vem ganhando cada vez mais espaço no meio literário. A difusão de temas considerados complexos devido às suas especificidades tanto culturais quanto linguísticas, foi fator principal na tomada de decisão sobre o que seria o trabalho e por quais caminhos a pesquisa se desenvolveria.

No decorrer da leitura das obras de Ferréz, foi possível perceber as dificuldades em compreender a linguagem coloquial, já que o autor paulista faz uso de expressões não usadas comumente e encontrar terminologia equivalente nos guiaria na busca por estratégias que contribuíssem para soluções ao longo do processo tradutório.

A literatura científica relacionada aos assuntos abordados, isto é: literatura marginal, oralidade e estratégias de tradução foi o caminho seguido do começo ao fim da versão. Houve, além disso, uma tentativa de refletir sobre o quanto importante é conhecer as obras do autor, a variedade de aspectos textuais, as dificuldades em traduzir termos da oralidade coloquial, de forma que não se visse alterado o sentido do conto e se tornasse uma tradução aceitável.

Com este trabalho foi possível perceber a importância do idioma para um povo, pois cada cultura tem sua particularidade, sua oralidade, seu jogo de palavras que muitas vezes nos confronta no momento de traduzir e transmitir para o outro. Há uma responsabilidade quando se trata de representar uma cultura através da linguagem, e, por mais que encontremos opções próximas na língua de chegada, é bastante complicado, fazer-se entender de forma que não haja estranhamento na tradução, o que muitas vezes é inevitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências citadas

- BAKER, Mona. **In other words: a course book on translation.** London and New York: Routledge, 1992.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: Vários escritos. 4^a ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- CHESTERMAN, A. **Translation Strategies.** In: **Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory.** Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1997
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA ULTRAPASSA FRONTEIRA DAS PERIFERIAS. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias-5314.html> Acesso em: 28 abril 2018.
- NEWMARK, Peter – **A Textbook of Translation.** New York : Prentice Hall, 1988.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha do. **Vozes Marginais na Literatura.** Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano/Tramas Urbanas, 2009. 346p.
- ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra escrita.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.
- PAZ, Octavio. **Traducción: literatura y literalidad,** Barcelona, Tusquets, 2 ed. 1981.
- PIMENTEL, Spensy. **Festa do rap em sapopemba.** Caros Amigos, Edição Especial, Editora Casa Amarela, São Paulo, setembro de 1998.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator's invisibility: a history of translation.** London & New York: Routledge, 1995.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS CONSULTADAS

<http://blog.ferrezescritor.com.br/p/autor.html>

<http://www.rapnacional.com.br/um-panorama-da-literatura-marginal/>

http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_9_LainisterEsteves.pdf

<https://www.escritas.org/pt/bio/ferrez>

www.qualeagiria.com.br/giria/

<https://www.dicionarioinformal.com.br>

<http://dle.rae.es/>

<http://www.siglas.com.br>

<https://significadoyorigen.wordpress.com/2010/05/03/harina-de-otro-costal/>

<https://espanolenamerica.wordpress.com/2011/11/13/harina-de-otro-costal/>

ANEXO

Os ricos também morrem: Original, versão e comentários.
Conto: A natureza de Nêgo Jaime

Texto Original	1ª versão Português - Espanhol	Comentários
A NATUREZA DE NÊGO JAIME	LA NATURALEZA DE NEGO JAIME	NEGO: Como se trata de um apelido que carrega um valor muito grande dentro da narrativa o nome foi mantido por fator identitário. Não há equivalente na língua de chegada.
Pediu para gente ir com ele, ninguém botava muita fé no que falava.	Nos pidió para que fuésemos con él, nadie creía mucho en lo que él decía.	Botar fé: Botar fé - gíria que significa acreditar em algo ou alguém, porém na tradução foi alterado para “nadie creía mucho”, que pode ter o mesmo significado, mas não o mesmo efeito de uma gíria, foi necessário domesticar para que o texto seja entendido na LC. www.qualeagiria.com.br/giria/botar-fe
<p>Não era nada sério, tipo o cara não tem palavra na quebrada. Era mais uma coisa assim, como ele brincava muito, pouca coisa era tida como verdade.</p> <p>Não sabia bem o que queria da vida, não que isso também importasse, afinal não faria diferença se ele quisesse ter outros planos, sua vida era mais ou menos como a dos outros moradores, parecida assim como uma folha carregada pelo vento.</p>	No era nada serio, al tipo nadie le da pelota en la barriada. Como él bromeaba mucho, poco caso le hacían No sabía lo que quería para su vida, que le quitase el sueño, después de todo, poco importaba si él quisiera tener otros planes, su vida era más o menos como la de los demás vecinos, algo así como una hoja al viento.	Tipo o cara não tem palavra na quebrada: Essa frase foi substituída por “al tipo nadie le da pelota en la barriada”, ambas significam que o personagem não tem respeito entre os vizinhos. Porém o termo “tipo” em português está colocado como uma gíria que de acordo com dicionários online, pode ser expressão idiomática, indicando miséria vernacular absoluta; ou Tentativa frustrada de, tipo, mostrar que, tipo, o negócio é tipo. Enquanto que em espanhol tipo representa uma Persona extraña y singular; Figura o porte de una persona.

		<p>http://www.qualeagiria.com.br/buscar/?query=tipo https://www.dicionarioinformal.com.br/tipo/ http://dle.rae.es/srv/search/search?w=tipo</p> <p>Quebrada: Foi traduzida como “barriada” dando sentido a frase que foi colocada, porém também é uma referência à favela.</p> <p>Era mais uma coisa assim: Essa frase foi omitida por não haver uma tradução satisfatória e que tenha relevância dentro do texto de chegada, ou seja, não altera o sentido.</p>
Já tinha três filhos, o négo na frente do nome não era bem o efeito da sua cor, era um apelido mais por falta de criatividade, afinal, tinha tantos Pernambucos , Cearás , Bahias , que não tinha mais vaga pra ninguém.	Ya tenía tres hijos, el <i>nego</i> delante del nombre no era por su color, era un apodo más por falta de creatividad, pues ya había tantos <i>Pernambucos</i> , <i>Cearás</i> , <i>Bahias</i> , que ya no había sitio para nadie más.	<i>Pernambucos</i> , <i>Cearás</i> , <i>Bahias</i> : Foi preferível manter tais apelidos mencionados, por não haver substituição possível e por ser tratar de nomes que estão culturalmente ligados a língua e cultura de partida, não faria sentido alterar algo tão relevante para o texto, visto que faz parte da identidade de pessoas que carregam esses apelidos.
Era estranho, sim. O jeito que se vestia, chapéu de couro, botas longas, sempre com a camisa aberta e de bermuda jeans. Quem olhasse ao longe já veria que aquele homem não se olhava no espelho, muito menos escolhia roupa para usar. A casa perto do córrego também tinha um ar de abandono, os filhos viviam brincando no escadão que dava acesso à Cohab . Subiam e desciam correndo, com um risco tremendo de caírem dentro do córrego.	Era extraño, su manera de vestir, sombrero de cuero, botas largas, siempre con la camisa abierta y con bermudas vaqueras. Quien lo viera a lo lejos ya vería que aquel hombre no se miraba en el espejo, y mucho menos escogía su propia ropa. La casa cerca del arroyo también tenía un aspecto abandonado, los hijos vivían jugando en la escadería que daba acceso a <i>Cohab</i> . Subían y bajaban corriendo, con un riesgo tremendo de caer dentro de la arroyo.	Cohab: Companhias de Habitação Popular. Em espanhol: viviendas populares. (estrangeirização) http://www.siglas.com.br/s-COHAB.htm

	<p>De uns tempos pra cá começou a aplicar nesse carro véio. Um Corcel cortado na traseira, adaptado tipo caminhão, com um monte de madeira servindo de baú.</p>	<p>En los últimos tiempos empezó a invertir en ese coche viejo. Un Corcel cortado en la parte trasera, adaptado como si fuera un camión, con un montón de madera que sirve de baúl.</p>	<p>Véio: De acordo com o Dicionário informal - forma arcaica de velho, assim com teia (telha, com pronúncia telia ou telya), muié (mulher, com pronúncia mulier ou mulyer), mió (melhor, com pronúncia melior ou melyor); no francês moderno por outro lado essa pronúncia arcaica está presente na língua atual. Pode também ser uma forma coloquial de se referir a algo sem muito valor. Na versão não há um equivalente que possa substituir essa forma arcaica, portanto, “viejo” como se trata de um carro velho, cabe traduzir com este termo sem alterar o sentido. https://www.dicionarioinformal.com.br/v%C3%A9io/</p>
	<p>Dentro dele tinha tudo. Quando fazia bico de pedreiro carregava pá, enxada, andaime.</p>	<p>Dentro del baúl tenía de todo. Cuando hacía un trabajillo de albañil cargaba palas, azadas, andamios.</p>	<p>Fazia bico: Fazer um trabalho freelance, um trabalho rápido, de período curto de tempo com pagamento a vista. Nada de contrato nem carteira assinada. Traduzimos como trabajillo que também significa um trabalho breve e sem formalidades. http://www.qualeagiria.com.br/giria/fazer-um-bico/</p>
	<p>Quando decidia catar papelão, eram outros quinhentos. Quem nunca viu Nêgo Jaime molhando a imensa pilha para pesar mais?</p>	<p>Cuando recogía cartones, era harina de otro costal. ¿Quién nunca vio Nego Jaime mojando el inmenso montón de cartón para que pesara más?</p>	<p>Outros quinhentos, que quer dizer: Outra coisa, outra situação, outra atividade, outra conjuntura, algo diferente, podendo ser substituída pela expressão idiomática “Ser harina de otro costal” que significa: um tema ou objeto que no debe mezclarse con otros por ser de muy distinta naturaleza. Mesmo alterando a expressão o sentido permanece. http://www.qualeagiria.com.br/giria/outros-quinhentos/</p>

		<p>https://sigificadoyorigen.wordpress.com/2010/05/03/harina-de-otro-costal/</p> <p>https://espanolenamerica.wordpress.com/2011/11/13/harina-de-otro-costal/</p>
<p>Como morava próximo à Cohab, sempre olhava para o morro cheio de lixo, pensava que podia ser uma floresta, até o dia que pirou o cabeção e foi lá com uma enxada cavar e plantar.</p> <p>Muita gente gozou desse homem nessa época.</p> <p>O negão ficou maluco.</p> <p>Fazer plantação em beira de favela era coisa de desocupado, mas Nêgo Jaime nunca ligou pros outros. Senão, teria que mudar sua maneira de ver as coisas, e já se achava velho pra isso.</p>	<p>Como vivía cerca de la <i>Cohab</i>, siempre miraba a ese cerro lleno de basura, pensaba que podía ser un bosque, hasta que un día se volvió loco y fue allí con una azada a cavar y plantar.</p> <p>Mucha gente se río de ese hombre en aquel entonces.</p> <p>El <i>negão</i> estaba como un cencerro.</p> <p>La plantación al borde de la favela era propia de quien no tiene nada qué hacer, pero a <i>Nego</i> poco le importaban los demás. Si no, tendría que cambiar su forma de ver las cosas, y ya se sentía viejo para eso.</p>	<p>Negão: Negão - A palavra <i>negão</i> foi encontrada em alguns sites como sendo “negro”, mas como se trata do apelido no aumentativo do personagem principal Nêgo, foi mantido por questões de manter a identidade e representatividade no conto.</p> <p>Favela: De acordo com a RAE - Del port. brasileño favela. 1. f. En Brasil, barraca, chabola. 2. f. En las ciudades brasileñas, barrio marginal de chabolas. Portanto, permanece.</p>
<p>E num é que o barranco virou uma plantação bonita, chamada por ele de “meu sítio”.</p> <p>Quando ficou pronta, ele parou de envolver a gente nesses passeios, e onde a gente sempre terminava em frente de um terreno cheio de mato, onde ele falava que um dia ia comprar.</p>	<p>¿No es que el barranco se volvió una plantación hermosa, a la que él llamaba “<i>mi jardín</i>”?</p> <p>Cuando estuvo listo, dejó de involucrarnos en esos paseos, y donde la gente siempre terminaba era frente al terreno lleno de vegetación, donde él decía que un día lo iba a comprar.</p>	<p>Num: é muito utilizada nos contos de Ferréz, demonstrando a maneira que as pessoas falam comumente na comunidade. Num que é a contração de em+um, na tradução foi utilizado “no es” por não haver outra maneira de manter o sentido da expressão da fala.</p> <p>Meu sítio: Traduzimos como “<i>mi jardín</i>” porque é uma plantação de flores e plantas. Não pode ser “rancho”, nem “granja”, porque não tem animais. Nem pode ser “hacienda”, porque é um espaço pequeno. Outra forma de traduzi-lo, seria “chacra” ou “chacrita”, mas nos resulta que uma plantação à beira de uma favela, poderia ser “un</p>

		jardín". Um pouco de poesia visual.
Mas nós é tudo da quebrada, e sabe que história bonita não dura, e o "sítio" de Nêgo Jaime virou ponto pra maconheiro, pra catar mulher e mais um monte de besteira que o homem nunca aprovou. Acabou foi abandonando o lugar, cheio de mato que tá lá agora.	Pero somos gente de favela, y sabemos que las historias bonitas no duran mucho, y el "jardín" de Nego Jaime se convirtió en sitio para marihaneros, en un picadero y un montón de cosas más que al tipo nunca le gustó. Al final, abandonó el lugar y se llenó de maleza, y así sigue.	Nós: Forma informal da palavra nós. (gíria) Traduzido com a palavra "somos", ambas na primeira pessoa do plural. Maconheiro: Optei para traduzir como "marihanero" que segundo a RAE: Tb. <u>mariguano</u> , Chile, Cuba y El Salv. 1. adj. Cuba, Ec., El Salv., R. Dom. y Ven. Adicto a la marihuana. U. t. c. s.
Foi mais legal a época da mobilete. O bicho fez uma obra grande, chapisco a parede até a mão engrossar e com esse dinheiro sacou uma mobilete. A bicha fazia um barulho monstro, parecia mais um trator, quem chegasse naquela hora, antes dele soltar a danada, diria que aquilo tudo iria pros ares. Mas em vez disso a arrancada da bicha jogava pedregulho pra trás.	Fue mejor en la época de la motoreta. El tipo hizo una obra grande, chapiscó la pared hasta que le engrosó la mano y con ese dinero consiguió la moto. La maldita hacía un ruido monstruoso, más parecía un tractor. Quien llegase cuando él la soltaba, diría que todo aquello volaría por los aires. Pero en vez de eso, el impulso de la jodida echaba las piedras hacia atrás.	Catar mulher: Uma solução encontrada para essa expressão foi "picadero", por se tratar de fazer uso de determinado lugar para encontros eróticos. Ou de acordo com a RAE: Casa o apartamento que alguien dedica a sus encuentros eróticos de carácter reservado. Bicho: Palavra muito usada na jovem guarda, que significava o mesmo que "cara", "meu". Era uma forma de se dirigir ao companheiro amigo. "el tipo" como foi traduzido tem o mesmo sentido que "cara" em sua forma coloquial.
E foi com ela que ele foi pra Campinas, Juquitiba, Itapecerica da Serra. O homem varava tudo que é verde. Quando podia lá ia ele, com a camisa aberta, uma	Fue con ella que se fue a Campinas, Juquitiba, Itapecerica da Serra. El hombre atravesaba todo lo que era verde. Cuando podía, se iba con la camisa abierta,	Campinas, Juquitiba, Itapecerica: Nomes de cidades foram mantidos, tendo em vista a estrangeirização e não adaptação para a cultura de

<p>mochila véia nas costas com duas garrafas de refrigerante cheias de gasolina e muita coragem, ou seja lá o que era aquilo.</p> <p>Foi muito engraçado o dia em que chegou todo rasgado. Disse que um caminhão tentou matar o sonho dele de nadar na cachoeira da biqueira.</p> <p>Aquele homem não podia só ficar nos bares como todo mundo? Jogando seu bilhar? Tomando sua pinguinha? Não! Em vez disso tinha que tentar ser diferente, tinha que pensar tanto em planta.</p> <p>E por que, se gostava da natureza tanto assim, trabalhava de pedreiro, jogando cimento em tudo que é lugar?</p>	<p>una mochila vieja en la espalda, con dos botellas de refresco llenas de gasolina y mucho valor, o qué sé yo cómo se le llama a eso.</p> <p>Fue muy divertido el día en el que él llegó todo destrozado. Dijo que un camión intentó matar su sueño de nadar en la cascada de la puntera.</p> <p>¿Aquel hombre no podía quedarse en los bares como los demás? ¿Jugando al billar? ¿Tomando su cachaza? ¡No! En vez de eso, intentaba ser diferente, tenía que pensar tanto en plantas.</p> <p>Si le gustaba tanto la naturaleza, ¿por qué trabajaba de albañil, poniendo cemento en todas partes?</p>	<p>chegada.</p>
<p>Acontece que Nêgo Jaime começou a ficar doente. Todo mundo vinha me falar que o homem tava em depressão e logo depois emendavam que devia ser mesmo era vagabundagem.</p> <p>Eu, como todo mundo, só ouvia. É tanto problema que a gente acaba num se envolvendo em tudo, e, além do mais, ele me devia uma obra que nunca terminou, fato que depois perdoei, acabei falando com ele mais umas vezes, ainda mais quando estava mamado. Nunca negava um sorriso pra ninguém esse homem.</p> <p>Também, quem me culparia? O homem já chegava contando piada, dizendo isso e aquilo de um jeito que contaminava todo mundo, a</p>	<p><i>Nego</i> Jaime empezó a enfermarse. Todos venían a decirme que estaba deprimido y después precisaban que aquello eran chorradás.</p> <p>Yo, como los demás, sólo escuchaba. Tantos problemas que no podemos meternos en todo, y, además, él me debía una obra que nunca terminó, pero después perdoné, y acabé hablando con él unas cuantas veces, aún más cuando estaba mamado. Nunca le negaba una sonrisa a nadie.</p> <p>Además, ¿quién me culparía? El hombre ya llegaba contando chistes, bromeando de tal manera que contagiaaba a todos. La favela podía estar</p>	<p>Tava: Aférese – forma coloquial de estar. https://www.dicionarioinformal.com.br/tava/</p> <p>Vagabundagem: Uma proposta de tradução é a palavra chorradás que de acordo com a RAE: coloq. <u>tonterías</u>.</p> <p>Mamado: adj. vulg. Ebrio, borracho. São equivalentes.</p>

<p>favela podia tá sinistra, que se iluminava quando ele chegava já fazendo graça.</p> <p>Tem gente que é assim mesmo, vive de palhaçada que é pra esconder alguma tristeza embutida.</p> <p>Tem um lugar aqui que chama parque Santo Dias, um monte de gente corre nele, outros levam as crianças pra dar um rolê. Foi posto esse nome dedicado a esse cara que lutou por algo de valor, pelo menos é o que todo mundo fala.</p> <p>Mas o fato é que todo mundo aqui chama o lugar de “A mata”. E foi no meio da mata, entre as árvores mais altas, que Nêgo Jaime se enforcou.</p> <p>Diz o pessoal aí, que juntou tudo, né? Desemprego, depressão, esses negócio tudo junto. Pensando bem, não era frescura nem vagabundagem. Com tanta vastidão de verde neste país, tudo aí parado, mas cheio de dono que não era querer muito, ter assim um pedacinho de terra com verde, pra ele, de repente, plantar um pouco de esperança.</p>	<p>sombría, que se iluminaba cuando él llegaba, bromeando.</p> <p>Hay gente que es así, vive de payasadas para esconder su tristeza.</p> <p>Hay un lugar aquí que se llama el parque <i>Santo Días</i>, donde un montón de gente corre, otros llevan a los niños a dar una vuelta. Se le puso este nombre por ese hombre que luchó por algo de valor, por lo menos es lo que todos cuentan.</p> <p>Pero lo cierto es que todo dios conoce ese lugar como “la mata”. Y fue en el medio de la mata, entre los árboles más altos, donde <i>Nego Jaime</i> se ahorcó.</p> <p>Dice la peña por ahí, que se le juntó todo, ¿no? Paro, depresión, todo eso. Pensándolo bien, no eran ni frescuras¹, ni chorraditas.</p> <p>Con tanto verde en este país, todo ahí parado, pero con dueños, no era mucho querer, tener un cachito de tierra con verde, para de repente plantar un poco de esperanza.</p>	<p>Dar um rolê: Optamos por traduzir como dar uma vuelta, ambos significam - dar uma volta; passear.</p>
--	---	--

¹ Frescura: Desembarazo, desenfado, desvergüenza. Disponível em: <http://www.rae.es/>